

**MITO E CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGEM EM
BERNARD MALAMUD**

*Ramira Maria Siqueira da Silva PIRES**

Bernard Malamud nasceu em 1914, no Brooklyn, em Nova York, e faleceu em 1986. Filho de imigrantes judeus do leste europeu, passou toda sua infância e adolescência naquela área de Nova York, onde vivia grande parte dos imigrantes das mais variadas nacionalidades. Publicou oito romances: *The Natural*, *The Assistant*, *A New Life*, *The Fixer*, *Pictures of Fidelman*, *The Tenants*, *Dubin's Lives* e *God's Grace*, este último de 1982; e também quatro volumes de contos: *The Magic Barrel*, *Idiots First*, *Rembrandt's Hat* e *The Stories of Bernard Malamud*. É reconhecido como um dos grandes escritores norte-americanos desde a Segunda Guerra, tendo recebido inúmeros prêmios, como o National Book Award de 1959 por *The Magic Barrel*, e o Pulitzer Prize e o National Book Award de 1967 por *The Fixer*.

Embora cinco de seus romances e um volume de contos tenham sido traduzidos para o portu

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

guês, Malamud é um autor ainda pouco divulgado e conhecido em nosso meio intelectual e acadêmico. Isto talvez se deva ao fato de ser considerado por muitos como um "Jewish-American writer" — um escritor americano judeu — o que, de certa forma, tornaria sua obra mais distante do público do Brasil, pela falta de identificação cultural (como é sabido, a imigração dos povos de fé judaica para nosso país foi pequena, principalmente se comparada à força dessa corrente migratória na formação da sociedade dos Estados Unidos da América). Juntamente com Saul Bellow e Philip Roth, Malamud faz parte do grupo de romancistas americanos judeus que floresceu a partir dos anos cinquenta e que, supostamente, retrata judeus e a cultura judaica nos Estados Unidos.

Contudo, Malamud sempre rejeitou tal rótulo, chegando a afirmar: "O termo [Jewish-American writer] é esquemático e redutivo. Se o crítico precisa do termo, pode usá-lo mas não o ajudará em nada se ele limitar sua interpretação de um escritor a fim de enquadrá-la no rótulo que inventou (2, p. 12) [...] Sou americano, sou judeu, e escrevo para todos os homens. Algumas vezes crio personagens judias porque acho que as entenderei melhor como pessoas [...] porque sei

algo sobre sua história, sobre a qualidade de sua experiência e crença. Como escritor sou muito mais influenciado por Hawthorne, James, Mark Twain e Hemingway do que por Sholem Aleichem e I.L. Peretz (escritores clássicos da moderna literatura iídiche). Nasci na América e respondo, na vida americana, a mais do que à experiência judaica. Escrevo para os que lêem (4, p. 162-163).

É exatamente isto o que se comprova com a leitura de suas obras. Suas personagens, quando judias, não se preocupam com o judaísmo como religião ou com os costumes judaicos mais ortodoxos. Os heróis de Malamud devem tomar suas decisões à luz não da religião formal, mas do humanismo secular que permeia toda sua obra.

Em nossa abordagem do mito como recurso, dentro do processo de caracterização das personagens de Bernard Malamud, centraremos nossas atenções no romance *The Assistant* (4), que tem sido objeto de nossos estudos recentes. Antes, contudo, cabem algumas considerações em relação ao termo "caracterização". Segundo o Prof. Antonio Candido, os recursos de caracterização são os "elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira que ela

possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor [...] A caracterização depende de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na com posição geral e sugiram a totalidade dum modo-de-ser, duma existência (1, p. 59, 75).

Os métodos de caracterização são geralmente classificados em direto e indireto. No primeiro, os atributos da personagem são apresentados através de procedimentos de qualificação direta ou explícita. Já o modo indireto de caracterização prefere não mencionar a característica, mas mostrá-la e exemplificá-la de várias maneiras, cabendo ao leitor inferir a qualidade oculta.

Na ficção do século XX, tende a predominar a caracterização indireta, visto que, num período individualista e relativista como o nosso, o caráter de sugestão e a indeterminação são preferíveis à definição restrigente, proposta pela caracterização direta.

Entre os meios de realização da caracterização indireta temos: a ação, o discurso, a aparência externa, o espaço. A analogia também é um recurso caracterizador que pode ser classificado como um reforço de caracterização. O procedimento analógico nos permite explicar o desco

nhecido pelo conhecido, tanto por similaridade quanto por contraste entre os dois elementos comparados. É neste recurso caracterizador que devemos concentrar nossas atenções, visto que o mito é um recurso analógico de caracterização no sentido de que, através de alusões e figuras ou padrões, arquétipos míticos, isto é, que estão registrados na memória consciente ou inconsciente do leitor, pode-se enriquecer o conhecimento da personagem.

Os protagonistas de Malamud começam tipicamente como indivíduos egocêntricos e frustrados, cuja insegurança básica gera a necessidade de sucesso e status. Seus impulsos fundamentais são eróticos, o que os leva a buscar a realização de seus desejos sensuais ao invés do amor genuíno.

Contudo, a auto-transcendência é o ideal que controla grande parte do desenvolvimento destes protagonistas. Assim o conflito fulcral da narrativa é aquele que se trava no interior da personagem, entre suas tendências básicas e um ideal a ser atingido que, é importante frisar, não lhe é imposto por ninguém, senão por ela mesma.

Nessa busca da auto-transcendência, a típica

ca personagem malamudiana deve não apenas descobrir quem realmente é, mas por quem é responsável, assumindo integralmente esta responsabilidade. Este é um processo penoso que está ligado a uma elaborada e ritualística sequência de provas. Malamud quase sempre relaciona esta sequência de provas, que caracteriza o desenvolvimento da personagem, com o ciclo sazonal e os mitos que a ele se ligam. O arquétipo cíclico sazonal ou vegetativo associa o ciclo das estações do ano ao padrão de morte e "renascimento" da figura do rei, deus ou herói que morre no inverno, juntamente com a vegetação e "revive" na primavera, o que causa o florescimento das plantações. O rei velho ou fraco já não consegue exercer sua função de protetor do ciclo da natureza, pois, pelo "princípio do contágio", sua debilidade ameaça essa natureza. Assim, deve ser substituído por um rei jovem e vigoroso que chega na primavera, revitalizando a terra (4).

A lenda medieval da Wasteland, que tem como base o arquétipo cíclico sazonal, tem sido apontada como substrato estrutural para os romances da fase inicial de Malamud. Nela, Percival, um cavaleiro da corte de Artur, recebe a tarefa de achar e curar o Fisher King, rei ferido da

Wasteland, terra infértil e desolada, cujo equi
líbrio e fertilidade dependem da saúde de seu so
berano. Apenas um cavaleiro puro e ingênuo pode
ria curar o rei, fazendo-lhe a pergunta certa
que, na maioria das versões, tem a ver com a
causa do sofrimento do soberano. A inexperiência
de Percival o impede de fazer a pergunta, mas
sua persistência garante-lhe uma nova oportuna
de. Fazendo a pergunta certa, o cavaleiro devol
ve a saúde ao rei, ao mesmo tempo que é reconhe
cido como novo soberano. Fica, assim, garantida
a fertilidade das terras e a harmonia do reino.

Em *The Assistant*, este mito medieval é
transposto para os tempos modernos. O Fisher
King é Morris Bober, um merceeiro judeu, doente
e quase falido, que não nega crédito a ninguém
e cujas maiores virtudes são a compaixão e a so
lidariedade com o sofrimento do próximo. Sir
Percival é Frank Alpine, um jovem de vinte e cin
co anos, desorientado, em busca de um pai que o
ajude a identificar-se e de valores que lhe pro
porcionem uma nova perspectiva de vida. Frank é
capaz de fazer as perguntas certas a Morris: "O
que é ser judeu?" e "Por que você sofre?". Mas
não é capaz de compreender as respostas: "[...] para ser judeu tudo de que se precisa é um bom

coração" e "Eu sofro por você" (p. 149-150). Frank ainda não está pronto para assumir o lugar do líder. A dualidade de seu caráter, seu espírito contraditório, que oscila entre o bem e o mal, são os obstáculos que devem ser transpostos para que a personagem possa cumprir seu papel de restaurador do equilíbrio do "reino".

O percurso do herói será longo, repleto de percalços e acompanhará a evolução do ciclo sazonal. O aparecimento de Frank na mercearia, para expiar sua culpa por haver participado de um assalto a Morris, acontece em novembro, em fins do outono. A saúde do merceiro já começa a falhar e a ajuda de Frank, no trabalho, faz-se necessária. De novembro até abril, quando ocorre a morte de Morris, testemunha-se o renascimento moral de Frank, através da assimilação dos valores do velho judeu. A morte de Morris ocorre já no início da primavera e o jovem herói está praticamente pronto para substituí-lo. Contudo, o autor concede-lhe um ciclo sazonal completo, até abril do ano seguinte, para que possa assumir integralmente as funções de Morris na família e no grupo social. Nesse período, Frank não assume apenas as obrigações de seu mentor, como também consegue realizar o sonho maior do velho judeu,

o de conseguir custear os estudos superiores de Helen, a filha de Morris. Em abril, na primavera do ano seguinte, Frank é circuncidado e converte-se ao judaísmo. A conversão de Frank não parece ser determinada por motivos de ordem religiosa, mas por duas outras razões: o desejo de assumir de forma integral a identidade de Morris, e a ânsia por alguma chance de reaproximação de Helen, por quem se apaixonara. Circuncidado, simbolicamente, penaliza-se por havê-la estropado e, convertido, abraça sua crença como prova de aliança.

No romance de Malamud, mito e realidade combinam-se para criar uma ficção que, ao mesmo tempo que representa a sociedade americana moderna, ainda dominada pelo Sonho Americano, cujas conseqüências mais tangíveis são o materialismo selvagem e o isolamento do ser humano, também aponta para uma possibilidade de o homem sair do estado de angústia e solidão, através do resgate do que este tem em comum com todos os outros homens - a própria condição humana e a capacidade de solidarizar-se.

Como recursos caracterizadores de personagem em *The Assistant*, os arquétipos míticos constituem um elemento enriquecedor do processo de

criação dos entes ficcionais. Esses arquétipos proporcionam um referente mítico que serve de parâmetro para se medir o crescimento moral da personagem. Contudo, é importante lembrar que o mito, em *The Assistant*, nunca se sobrepõe à narrativa, é substrato estrutural e elemento de "insight", jamais interferindo nas motivações das personagens. O que elas são é muito mais importante do que o que simbolizam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. 127 p.
2. FIELD, L.A., FIELD, J.W. An interview with Bernard Malamud. In: _____. *Bernard Malamud collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1975. p. 8-17.
3. FRAZER, J.G. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 252 p.
4. MALAMUD, B. *The assistant*. New York: Avon Books, 1981. 297 p.
5. STERN, D., MALAMUD, B. In: PLIMPTON, G. (Ed.) *Writers at work: the Paris review interviews*. New York: The Viking Press, 1984. p. 152-68.